

LIÇÃO DE ABERTURA DOS CURSOS

Prof. Rodrigo Argolo Ferrão
(Catedrático de Técnica Operatória de Cirurgia Experimental)

Magnifico Reitor:

Exmo. Snr. Director da Faculdade de Medicina e Escolas
Anexas de Odontologia e Farmácia

Exmas. Autoridades

Snrs. Professores.

Senhores Alunos.

Meus Senhores:

Nesta cerimonia de hoje, o principal objetivo é festejar a abertura dos cursos, desta Faculdade, no presente ano letivo.

Dificil é, sem dúvida, a tarefa que me foi imposta pelos diletos colegas de congregação.

No momento em que se reabrem as portas seculares deste Instituto Médico, saúdo a mocidade que retorna a estas vestustas salas, na ancia, muito justa e bela, de adquirir os conhecimentos que, em futuro próximo, servirão para o bom desempenho da vocação escolhida.

O momento é de jubilo, pois deste encontro, de mestres e alunos, renascerão o prazer e a certeza da vitória nas novas jornadas que se reiniciam, sob os signos dos mesmos sagrados ideais, que fizeram desta Escola uma conceituada officina onde, ha tantos anos, se forjam os homens que se dedicam á difficil; ingrata e delicada arte de minorar os sofrimentos humanos.

Expressar o sentido dos meus colegas, dizer do nosso cuidado na manutenção das nossas tradições e proclamar, nos pri-

meiros arrebóes deste ano, a certeza de que o nosso trabalho será árduo mas produtivo, fatigante porém confortador, são exigencias muito acima das minhas forças, não fôra o entusiasmo que vive em meu coração.

Dirigindo-me principalmente aos moços, nesta quadra complexa da vida Universal, sinto a necessidade de não ficar limitado ás fronteiras do ensino médico e, sim, de procurar relacionar alguns problemas da Ciencia com aqueles outros que assoberbam o Mundo, focalizando, na medida do possivel, o papel da Universidade neste debate.

Emerge a humanidade de uma guerra sanguinolenta, cruel e devastadôra, os Povos, sacrificados na terrifica hecatombe, sentem-se inquietos e temem os dias futuros; as Instituições, tidas como as mais solidas, vão sendo atingidas, gradativamente, pelo sôpro constante da desconfiança dos homens; as coletividades humanas, sedentas por uma nova forma de vida, estão, a pouco e pouco, se polarizando em novas normas econômicas e politicas.

As possibilidades de uma Paz real e concreta, capaz de proporcionar um reajustamento natural da vida dos Povos, de acôrdo com a evolução proporcionada pela Ciencia, diminuem, progressivamente, á medida que o tempo se escôa.

As desgraças continuam se acumulando n'um crescendo assustador, a guerra fria cria o panico que, rapidamente, vae se alastrando entre as nações do mundo.

A esperança de que a Ciência poderia realizar a concórdia do nosso planeta se desfaz, inexoravelmente, de encontro a mil interesses, caprichos e intolerancias.

A desintegração do atomo, as bombas de uranio e de hidrogenio e as nefastas e criminosas consequencias destas descobertas fizeram renascer, com vigôr, a questão da ciência em

face da moral, alertando os sábios no sentido de adotarem uma atitude, definida e clara, que não permita sejam transformados os laboratórios de investigação em uzinas de invenções para a conquista do mundo, pelo extermínio, pelo massacre, pelo temor e pelo morticínio dos Povos.

A análise do nosso progresso científico demonstra que a humanidade realizou, em três séculos, mais progressos na ordem técnica do que no decurso de dois milênios, mas ela nos dá, também, a convicção de que não foi possível melhorar, na mesma proporção, a felicidade do homem.

O sonho de Renan — “de que a Ciência é especialmente a ciência aplicada e tem de realizar a felicidade na Terra” — não conseguiu concretizar-se e, muito menos, o que é mais grave, evitar as nefastas consequências que, por vezes, a perversidade humana tira das invenções.

Grandes expoentes do pensamento humano tem confessado o seu desencanto e temor pelo estado atual em que se encontra o mundo.

Gandhi considerou a civilização hodierna como a Edade Negra, a Edade das Trevas.

A máquina que a ciência nos deu como uma divindade emancipadôra foi, para êle, um idolo monstruoso porque não considera a natureza superior do homem.

Einstein, o grande físico contemporâneo, meditando sobre os graves problemas que agitam o Universo e os Povos, declarou com pessimismo: “Até agora a ciência só serviu para formar escravos. Em tempos de Guerra ela nos mutila e envenena. Na Paz faz com que os nossos destinos resultem incertos e inquietos. Em lugar de libertar o homem, consagrando-o ao trabalho intelectual, a ciência o transforma em servo da máquina. A maior parte dos trabalhadores termina a sua monotona tarefa de todos os dias, somente preocupada em ganhar o pobre salário”. “Obras de maldição”, exclama finalmente ele.

Conceitos dêste porte, alarde destes temas pela imprensa e uma absoluta ausencia de esclarecimentos honestos quanto ás verdadeiras finalidades do labôr científico envolvem, em sua trama, sábios e flósofos, precipitando juizos, creando um ambiente de descrédito e dúvida para as conquistas da Ciência, tornando possível que muitos a considerem ora como Imoral, ora como Amoral.

No interesse de salvaguardar a nossa atividade, a nossa honra e dignidade de homens que vivem a Ciência, merece que abordemos o assunto no afan de esclarecê-lo convenientemente.

Nada apresentaremos, neste particular, de pessoal ou de próprio, vizamos apenas focalisar o assunto para meditação dos que possuem uma parcela de responsabilidade na vida universitária, certo de que a Ciência ainda representa, para todos nós, uma das possibilidades de soerguimento de um mundo mais justo e melhor, vivendo sob a guarda de uma Paz verdadeira e concreta.

“A moral, encarada sob um angulo mais amplo, não é um repositório de consêlhos práticos: é a expressão de um ideal que domina o homem e que, pela abnegação, o eleva acima de si mesmo, provocando a sensação de certeza, o entusiasmo, o vôo do espírito e do coração, dando á vida um sentido e uma impressão de Beleza inefavel”.

Porque, então, considerar a Ciência como Imoral?

Porque tendo capacidade para realizar o Bem, trabalha para o mal?

Porque se considerando uma fonte de vida, se transforma em potencia de morte, servindo crimosamente a avareza, a estupidez e a crueldade humana?

Porque deixa de amparar a justiça e de ajudar ás obras de amôr?

Porque será, para outros, a Ciência Amoral?

Porque o seu destino é a investigação da verdade, se desinteressando, portanto, do Bem e do Mal?

Estas interrogações, contendo, aparentemente, argumentos concludentes, podem ser respondidas com facilidade e segurança.

Os juízos de grandes pensadores e sábios, emitidos, com tanta asperza, em momentos de desenganos e decepções, não devem preocupar aos que veem na Ciência um Ideal de criação, capaz de tornar a vida melhor e mais justa.

Ciência é o domínio do espirito sobre as cousas e o esforço necessário para estabelecer os fatos de forma intelegível.

Ela não sugere malefícios ou benefícios pois não é da sua cogitação transformar os fatos em prescrição.

A Ciência é positiva e não normativa, ela afirma o que é, e não, o que deve ser.

Em nenhum capítulo da Física se encontra a afirmação de que é necessario dominar a distancia.

Nas leis da Biologia nada se diz para salvar o inimigo em vez de mata-lo.

O desejo de comunicação rapida, bem como o de curar, vencer as distancias e dominar a materia, são de existencia muito anterior á Ciência positiva e antes de inspirarem o espirito do engenheiro ou do médico, eles já povoavam a mente do homem primitivo e do curandeiro.

O homem de Ciência, quando procura a verdade, afasta da investigação toda veleidade, confessada ou secreta, que o leve a julgar o que registrou e, tambem, toda intenção de extrair do seu achado normas de vida.

Mesmo quando o trabalho científico resulta em beneficios, não há motivos para que este merito seja conferido á Ciência.

A aplicação pratica de um conhecimento científico poderá esperar muito anos para ser concretizada.

MENDEL teve as suas leis aplicadas muitos anos depois de enunciadas.

Alimentando cães com dieta de fígado, WHIPPLE não imaginou sequer a cura da anemia perniciosa, realizada por MINOT.

Fazendo agir a sulfanilamida sobre culturas microbianas, DOMAGK jamais pensou encontrar um agente terapeutico seguro na cura da pneumonia.

A Ciencia pode traçar a curva de um fenômeno mas, por isto, não se deverá concluir que possa traçar, também, a do destino.

Descobrir a signifição de um processo de vida, não é equacionar a totalidade da vida, com seus valores, sentido e direção.

Os crimes cometidos em nome da Ciência nada tem a ver, sem duvida, com os designios do homem, por mais criminosas que forem as suas intenções.

Como individuo, o homem de ciência pode ser culpado, e o tem sido muitas vezes.

Neste caso a Ciência é a sua vitima e, não, a sua cumplice.

Onde, portanto, a pretendida Imoralidade da Ciência?

Será amoral a ciência porque buscando o conhecimento puro é ela incapaz, por sua propria essencia, de encarar toda ação diretriz?

Sendo a Ciencia competente e habil na aquisição do conhecimento e incapaz para julgar, será ela Amoral, por vocação.

O astrônomo não julga a estrela, o fisico não exorta o atomo.

Considera-la Amoral seria, neste caso, negar que as modificações surpreendentes ocorridas na ordem do conhecimento deixaram de repercutir no campo da etica.

Porque negar esta virtude á Ciência reconhecendo que somente as Religiões e os sistemas filosoficos podem iluminar as almas e os grupos humanos?

É absurdo, sem duvida, pretender que este grandioso acúmulo de descobertas maravilhosas que transformaram, aos nossos olhos, a imagem intelegível do Universo, permaneça sem efeitos sobre as realidades profundas da vida interior, sobre a poesia e o sentimento e sobre os grandes movimentos que dirigem o mundo.

Negar a Ciência tal possibilidade seria reconhecer o divorcio entre o pensamento e a ação, entre o verdadeiro e o Bem.

A etica é uma caixa de ressonancias. Os meios sociais, as modalidades de vida, as condições economicas, as artes, filosofias e religiões nela repercutem.

E porque a Ciência não possuiria força para atingi-la?

Onde, deste modo, a Amoralidade da Ciencia?

Os males imputados á obra de investigação da verdade resultam do erro de se confundir a Ciencia com a sua aplicação e do emprego desvirtuado que se vem fazendo da Tecnica.

Esta ultima é o aproveitamento dos fatos, das formulas, das hipoteses, nascidas do ideal creador do Sábio e aplicados em proveito do homem, para satisfazer as suas necessidades, os seus desejos e paixões.

As maquinas, quase todas elas, no sentido mais limitado da palavra, nada pressupõem que mereça ser chamado de Ciencia.

Uma das finalidades da tecnica industrial foi sempre a de substituir a potencia dos musculos humanos por outras formas de potencia.

Por isto é que a tecnica é progresso, material, fonte de energia, de saúde, de divertimento, de riqueza e, tambem, origem de miserias, injustiças, desemprego, revoluções e guerras.

A tecnica moderna deu ao homem um sentido de poder que modificou e continúa modificando toda a sua mentalidade, fazendo crescer, cada vez mais, o desejo de manipular as forças da

natureza sem se preocupar com as suas qualidades intrinsecas e, sim, com os seus usos.

Isto significa, no mundo de hoje, que o amôr ao poder substituiu todos os demais impulsos que completavam a vida humana.

A manipulação e a exploração são as paixões dominantes do homem da industria e, como o homem medio não compartilha dessa vigorosa concentração, fracassa para conseguir firmar-se nas fontes do poder e deixa o governo pratico do mundo aos fanaticos do mecanismo.

E' por isto que não podemos deixar de reconhecer e proclamar que as maravilhosas descobertas da Ciencia, quando applicadas, teem se desvirtuado, muitas e muitas vezes, de encontro ás duras e crueis realidades da condição humana.

E' que ao homem, sem sentido da vida coletiva, só interessa os seus amores e odios, os seus habitos e costumes, os seus interesses, os seus negocios e paixões.

A introdução da tecnica no Universo, assim realizada, determinou profundas modificações nas relações com o trabalho e creou serias perspectivas para a vida social.

A parcela criadora do operario foi eliminada, porque desapareceram do trabalho o Bem estar pessoal e o motivo de alegria.

As cousas já não são feitas pelo gosto de faze-las mas, sim, pelo dinheiro que possam render.

A tecnica proporcionou o negocio baseado na produção em massa e no lucro, gerando males e agravando os já existentes.

O negocio tornou-se o grande tema do nosso tempo, o principal motivo das nossas discussões, coisa a ser difundida ou atacada.

Ele exerce uma dominadora influencia na politica domestica e internacional e, direta ou indiretamente, dirige a educação, arma e conduz o soldado e atrae as instituições religiosas.

A sua filosofia, supostamente baseada em traços imutáveis da natureza humana, deu à nossa civilização os seus tristes aspectos economicos, tão combatidos e atacados presentemente.

E' preciso que se compreenda ser a tecnica libertadora em sua essencia e para que ela se concretize neste sentido exige que o homem reconheça a relação de causa e efeito entre o fato técnico da invenção e o fato social da libertação, tendo como intermediario o fato economico.

Por isto não se deverá procurar caracterizar a nossa civilização pelo simples fato do desenvolvimento tecnico a que chegamos.

A produção industrial adquiriu uma posição de absoluto predomínio entre os outros interesses humanos, pondo tudo mais em completa subalternidade.

As comunidades industriais negligenciaram os verdadeiros fins que justificam o acumulo de bens e entregam-se exclusivamente á febre de acumula-los.

Esta obsessão economica tornou-se hoje um veneno que inflama todas as feridas e transforma as menores arranhaduras em ulceras malignas.

Daí esta atitude de desconfiança e de revolta da humanidade para com tudo aquilo que modifica o mundo, sem considerá-la devidamente, colocando-a na mesma situação dos primeiros tempos, quando o risco sem limites da luta pela existencia cercava os viventes por todos os lados.

As dramas do mundo, as suas crises, os seus protestos, as suas inquietações, as suas revoluções e guerras, são o resultado da Técnica desviada das suas verdadeiras finalidades e posta ao serviço do egoismo humano, das paixões, dos imperia-lismos, do lucro desmedido, este Deus Tribal que não admite em seus dominios "os nosso amigos" e, muito menos, os nossos inimigos".

E' por isto que um grande sabio, premio Nobel, encarando as possibilidades da Fisica nuclear indagou: "Quem poderá dizer aquilo de que ela será capaz, dentro de alguns decenios, se nada vier entravar os seus progressos"?

Previendo a importancia que teria, para o mundo, a desintegração do átomo ele profetizou a situação atual com estas palavras: "E' certamente desejavel realizar experiencias que permitam favorecer o progresso, mas é igualmente desejavel que, após estas experiencias, ainda restem seres humanos que lhes possam colher os frutos".

A humanidade começa a impacientar-se pelo seu futuro.

A profecia do sabio já foi confirmada pelas vozes autorizadas dos que estudam a desintegração da materia.

A esperança de que será possivel encontrar uma solução para o problema vive intensamente em todos os corações.

Do ponto de vista da vida dos cientistas grandes responsabilidades se apresentaram para o seu trabalho, passando este a ser vigiado, no intuito de que os segredos não escapem da cidadela onde se manipula esta nova potencia de energia, jamais alcançada.

Que diretrizes, que condutas, que orientações, enfim, poderão ser adotadas para que o mundo não desapareça, sacudido pelas explosões, causticado pelo calor e pela radio atividade?

Todas as tentativas levadas a efeito com o fim de concretizar uma Ciencia da moral fracassaram sempre, pois, em verdade, não pode existir uma ciência do normativo.

Porque, então, não se procura inverter os termos do problema, adotando a moral da Ciencia como meio capaz de encaminhar para uma solução justa a complexa questão que agita o mundo e os Povos.

Os defensores desta conduta dizem que se a Ciência da Moral pode ser considerada um mito, a dos fatos moraes tem possibilidades de ser tão estritamente positiva quanto a Física e a Biologia.

Como seus fundamentos teríamos o conjunto das idéas normativas que conduzem os homens ás trilhas da investigação científica, definindo os metodos que asseguram a realização dos progressos conquistados.

Embora semelhante moral não se encontre codificada, não se poderá negar a sua existencia, pois o seu Ideal está evidente, condicionando a vida e o desenvolvimento da Ciência.

A obra de investigação científica possui, na verdade, uma importante missão que ela mesma se impõe e realiza.

E' evidente que ela exerce um direito, pois este nome pode ser conferido, com justiça, á disciplina intelectual elaborada e vivida com o constante e melhor concurso dos seus servidores.

A missão e o direito da Ciência procedem de um Ideal, supõem e contem uma concepção, cujas finalidades são realizar a grandeza do homem e a beleza da vida.

Somente a dignidade de espirito dá o direito de exercer aquela missão e aquele direito pois somente com ela são respeitados os principios da União e Liberdade, atributos essenciaes da moral científica.

Compreendida deste modo, a moral da Ciência confere aos homens a exaltação espiritual, reacendendo, em todos nós, a esperança de que os investigadores só se utilizarão das suas conquistas em trabalhos e obras que concorram para a sua dignificação perante os Povos.

Apoiados naqueles dignos e elevados principios é que os sabios poderão libertar os homens da dependencia economica, não para sujeita-los a uma vida de prazeres materiais, mas para permitir-lhes destinar grande parte da existencia aos prazeres da inteligencia.

Em nenhum momento, então, eles subordinarão o espirito á maquina pois esta é que ficará ao serviço daquele.

Vivendo e cumprindo o postulado de União dos espíritos, os homens de ciência não farão segredo das suas descobertas e não consentirão que os seus empreendimentos sejam manejados como armas destruidoras e mortíferas.

Não se submeterão ao triste papel de artífices da guerra, não admitindo que aquilo que foi feito para unir e libertar os homens sirva para construir engenhos belicosos e armas homicidas.

Norteados pelo magnífico ideal de Liberdade, os cientistas se sentirão fortes para não se sujeitarem á tirania do dinheiro ou de qualquer doutrina que pretenda limitar os direitos da intelligencia.

Concios de que a força jamais deverá violentar o espirito, eles se capacitarão do dever de favorecer a independencia do pensamento, em todos os esforços de organização em que as suas invenções estejam a serviço.

A Ciência nada tem a ver, pois, com a sua má applicação; e os males do mundo residem no fato de estarmos na posse de conhecimentos e recursos capazes de transformarem, em muito melhor, o meio em que vivemos, não fossem os obstaculos que nos impedem de usa-los livre e inteligentemente, de acordo com os ideais imperantes da Moral da Ciência.

Quando estes ideais e normas constituirem um patrimonio comum dos Povos, quando o entendimento se fizer através das verdades demonstradas, quando a tolerancia fôr o resultado da investigação objetiva dos problemas e diversidades do mundo, poderemos compreender a coexistencia de regimens, tendo a certeza de que a Ciência, em seu trabalho de procura da verdade, acabará por estabelecer a unidade do Universo, em todos os setores e atividades, proporcionando, finalmente, a Paz ideal para a humanidade.

* * *

Snrs. PROFESSORES, dignos colegas de Congregação.

A Universidade não poderá negar a sua cooperação na busca da solução de certos problemas que dominam o mundo.

Cabe a ela, sem duvida, encarar os fatos com serenidade, lembrando-se que a sua função é, precipuamente, educar as gerações que dirigirão o mundo de amanhã.

A Universidade, sabemos muito bem, não é apenas um conjunto de Escolas destinado a concretizar vocações.

Ela possui, indubitavelmente, um lugar especial no mundo dos valores especiais e, por isto mesmo, a sua ação tem de ser ampla e profunda, procurando estabelecer, como é logico, relações com as demais atividades humanas, praticas ou teoricas, organizadas em torno dos diversos grupos de interesses sociais.

Representando a filosofia de uma Educação, a ela incumbe, no presente do mundo e do Brasil, empreender uma obra educacional apta a integrar os moços nas recentes rotas que se rasgaram no mundo.

Não deverá, portanto, educar para o passado, de tão tristes recordações e, sim, para as grandes aspirações, impulsionadoras do progresso; não trabalhará para o culto da submissão e da subserviencia, tão comuns nos dias de hoje, e, sim, para a independencia, para a critica, para a libertação, realizando, dest'arte, a plena expressão das suas finalidades.

Propugnará pela regeneração moral, politica e economica, que não deverá ser adiada e cujo fundamento está na reforma intelectual dos dirigentes, unica reforma capaz de coloca-los ao par da marcha impetuosa da evolução, possibilitando-os dirigi-la no sentido mais amplo do beneficio de todos.

Na realização da sua função puramente educativa, de tão grande alcance, a Universidade procurará afastar velhos e caducos tabus, não se cingirá a um respeito cego pelas cousas e fatos do passado, não precisará abster-se, quando necessario, de criticar, honestamente, a ordem que a mantem.

Teremos de nos orientar em novos sentidos, ditados pelas novas condições de vida, que permitam focalizar as discussões

das nossas reformas, em um plano superior, científico, de maior descortínio, de melhor produtividade e de resultados mais satisfatórios.

Será sua obrigação imperativa proporcionar a todos que nela respiram, as condições necessárias para a realização correta de uma minuciosa reconsideração das ideias e práticas tradicionais, ao invés de justificá-las sob a força de um conservadorismo obsoleto inadequado e ineficiente.

De outro modo seria perpetuar a herança do passado, procurar transmitir os processos e hábitos do presente à posteridade, pela contínua cadeia da repetição e do automatismo, seria, finalmente, proporcionar uma educação preterida, retroativa, incapaz de fazer brotar o espírito de dúvida, de iniciativa, de exame, de escolha e decisão, qualidades estas tão vitais à liberdade do homem e, onde, em verdade, se apoia a Democracia, cujo valor e futuro estão no assentamento livre, porém refletido da opinião.

Não poderá, pois, ser objeto da vida Universitária permanecer no mesmo afandas perpetuações das fés e políticas do passado que se não ajustarem aos nossos novos conhecimentos, aos nossos ideais e às nossas novas condições de vida.

E' imperioso que ela acompanhe o evolver da Ciência, que não tenha medo de sugerir às novas gerações a adoção de uma atitude diferente para com os ideais fracassados, para com as misticas descabidas, para com a moral rígida e imutável, intolerante e dogmática.

A mocidade necessita ser educada para compreender o mundo de hoje e prevê-lo do futuro, efetuando uma crítica sensata, correta e imparcial, livre da intangibilidade dos políticos, das fés e dos negócios.

Compete à Universidade transmitir conhecimentos acumulados, investigar e descobrir novas verdades. Compete, acima de tudo, exercitar as gerações moças na arte de pensar e no uso da razão.

* * *

Volvamos, agora, as nossas vistas para o ensino da Cirurgia em nosso meio.

A mais magnífica das artes, pela grandeza do seu objeto, pela pujança das suas realizações, pelo caráter humano das suas finalidades, merece um pouco da nossa atenção, pois ela coloca o homem, no dizer de LERICHE, acima de si mesmo.

Por muito tempo foi considerada como uma disciplina de pouca importância e, por isto mesmo, não era encarada no plano da vida.

“A Cirurgia era considerada um ato de autoridade sobre o destino”.

Mas, com os tempos, o seu progresso foi sendo construído, obedecendo á novas coordenadas.

Tomando lugar no mundo biológico, procurando encarar a sua ação sob novos prismas, adaptando-se á fragilidade do seu objeto, ela enveredou por sendas mais seguras, afastando da sua esfera a audácia do gesto, a coragem quasi inconsciente da decisão, a ação mais ou menos empírica da sua força.

O cirurgião deixou de ser o comandante de uma batalha singular e passou a meditar sobre a vida, procurando melhor compreendê-la para, mais seguramente, protegê-la.

Desde, então, a nossa arte vem se renovando sem cessar, guiada pela observação cuidadosa das suas consequências, iluminada pela experimentação adequada dos seus métodos e técnicas, apoiada pela utilização, cada vez mais larga e mais segura, dos constantes progressos da Medicina, nos seus diversos departamentos.

Atingiu, assim, o seu período triunfal e as suas realizações admiráveis formam os motivos de orgulho da nossa época.

O ensino da cirurgia sofreu, então, radicais transformações e passou a merecer, de todos os centros científicos, um particular

carinho, uma especial devoção, uma rígida disciplina, visando a formação moral e técnica daqueles que se vão dedicar ao manejo do complicado e complexo mecanismo da operatória.

Flue daí a necessidade de meditarmos sobre esta importante questão do nosso ensino médico.

Estamos a sentir a necessidade de traçar os novos rumos do ensino cirurgico em nosso meio, dando-lhe melhor eficiencia com o aproveitamento das novas condições de trabalho.

As nossas responsabilidades vão aumentar, dentro em pouco, de maneira ponderavel e, certamente, a Cirurgia alcançará a eficiencia desejada.

Em nosso meio escolar, o ensino cirurgico poderá ser dividido, para efeito de analise e de critica, em tres fases distintas.

A primeira corresponderia ao ensino dos conhecimentos basicos, comuns á clinica e á cirurgia, isto é ao estudo das disciplinas denominadas de laboratorio.

A segunda fase encerraria o ensino clinico, isto é, o estudo da propedeutica, das clinicas e especialidades cirurgicas.

Finalmente, por ultimo, viriam os cursos de aperfeiçoamento e de post-graduação, quasi que inexistentes, infelizmente, em nosso meio.

Assim esquematizado, o ensino da Cirurgia nos aparece como capaz de proporcionar ao estudante uma eficiencia satisfatoria para a sua futura vida de medico pratico.

Mas, em verdade, o aproveitamento que se vem obtendo, não é, neste particular, o desejado, em vista de impecilhos, defeitos e orientações que dificultam a realização dos seus objetivos essenciais.

E' necessario, nesta questão, considerar, preliminarmente, a impossibilidade de se pretender fazer do estudante, nos seis anos de curso medico, um verdadeiro cirurgião, capaz de enfrentar, logo depois de formado, os problemas da Cirurgia.

Nenhuma Faculdade de Medicina poderá ambicionar semelhante ideal.

Todos reconhecemos que o exercicio desta arte exige uma longa e paciente aprendizagem, impossivel de ser efetuada no periodo escolar do nosso ensino medico.

Mas, por isto, não se conclua, apressadamente, de que se não deva cuidar, com carinho, da formação cirurgica do estudante.

Muito ao contrario, pois será no curso medico que se deverão aferir as tendencias do estudante e será nele, ainda, que se poderá fornecer o cabedal inicial que permita ao moço concretizar, posteriormente, a vocação.

A analise objetiva e construtiva da aprendizagem basica, aponta, como ponto merecedor da nossa critica, a falta de um melhor entozamento das materias que formam os programas das disciplinas deste periodo entre si e com as disciplinas do periodo seguinte.

Nota-se a falta de uma salutar correspondência entre os assuntos ministrados, que se apresentam demasiadamente independentes deixando, por vezes, de procurar finalidades menores, porem mais concretas.

Existe, é certo, a procupação evidente de ministrar ao aluno a maior soma possivel de conhecimentos, mas, em verdade, esse não consegue adquirir conciencia do essencial para o seu curso medico, perdido que fica em meio de controversiais, conceitos e doutrinas e, ainda mais, no penoso afan de memorizar conhecimentos, de aplicação duvidosa ou, quando muito, remota.

Não nos parece logico que as cadeiras basicas deixem de se orientar num sentido mais pratico e objetivo, ressaltando a aplicação dos conhecimentos essenciais que formam o seu conteúdo.

Elas não deverão permanecer no terreno do conhecimento puro, sem a preocupação das necessidades do aluno quando este chegar às cadeiras de clinica.

Com isto seriam evitadas as recapitulações desnecessarias, afim de que possa ser ensinado, nas clinicas, este minimo essencial ao inicio da vida pratica.

O remedio para semelhante disturbio do nosso ensino já existe na estrutura didatica da Faculdade.

Os Departamentos foram creados com a precipua finalidade de coordenarem o ensino, ajustando o interesse das diversas diciplinas e subordinando-o ao alvo maior, representado pelo melhor aproveitamento do aluno.

Não é mais possivel manter a independencia didatica das catedras; a preferencia pelos assuntos a serem ensinados não deverá ficar exclusivamente dependente da vontade do professor considerado isoladamente, e, sim, obedecer a um plano previamente estabelecido, de comum acordo com as chefias departamentaes, e de modo a que um minimo de possibilidades concretas possa ser plena e satisfatoriamente preenchido.

O mecanismo departamental foi creado com a finalidade de coordenar as nossas atividades docentes que deverão obedecer a uma planificação bem estruturada, vizando resultados concretos, capazes de proporcionar, aos alunos, um minimo de aprendizagem util e eficiente, ao lado de possibilidades que lhes permitam enveredar, depois de formados, pelos caminhos mais complexos da nossa profissão.

O ensino da Cirurgia necessita urgentemente desta sincronização se pretender preencher as suas verdadeiras ambições.

Para o ensino da cadeira de Tecnica Operatoria e Cirurgia Experimental é mister que as cadeiras básicas considerem as necessidades minimas, porem objetivas dessa diciplina.

Por sua vez, as necessidades minimas do programa de Tecnica Operatoria, dependem do que as clinicas cirurgicas e es-

pecialidades julguem como fundamntal no ensino para o aluno.

N'uma epoca passada esta articulação era quase impraticavel.

As cadeiras de cirurgia, bem como as de medicina, viviam os seus dias em um hospital de caridade, pobre de instalações e de meios, com finalidades alheias aos ideais do ensino e, por isso mesmo, fazendo das enfermarias verdadeiros depositos de doentes cronicos ou incuraveis, de pouca valia para o estudante.

Não era, então, possivel estabelecer condições de trabalho proficuo, levavamos, dentro daquelas paredes coloniais, uma vida de resignação e, na ausencia de uma cooperação melhor entendida no interesse do ensino, atrofiaram-se as nossas crenças, sonhos e deveres, apesar de jamais termos esmorecido na educação da mocidade, desta mocidade que, em futuro proximo, concorrerá, com o seu entusiasmo e trabalho, para a perpetuação da caridade bem compreendida que deverá inspirar as nossas obras de assistencia social.

O ensino cirurgico estava assim manietado, lidando com uma patologia de pouca valia para as suas finalidades minimas, tropeçando em mil dificuldades e impecilhos, quasi paralisado num ponto perigoso e prejudicial.

Somente a tenacidade sem par dos seus professores foi capaz de não deixar se apagar o fogo sagrado que sempre alimentou os nossos tradicionais serviços, neste importante ramo de Medicina.

Agora, porém, o cenario transforma-se a pouco e pouco.

Estamos sendo integrados nas verdadeiras exigencias do trabalho científico, renace a esperança radiosa de dias mais fecundos e, em pouco tempo, presenciaremos a completa reestruturação dos nossos serviços operatorios.

A tarefa que nos vae ser imposta tem as cores de um novo amanhecer mas, tambem, possui exigencias que só serão vencidas com sacrificio e tenacidade, aliadas a uma vontade ferrea de soerguimento.

A luta será ardua pois vizará a completa e absoluta recuperação do nosso lugar de destaque, mantido até o presente ás custas de muita dedicação e sacrificio.

Tracemos pois os planos da batalha e nos sujeitemos á uma disciplina coordenada de trabalho, apoiada em nosso entusiasmo e na fé imperecível que tem construido a grandeza de nossa Faculdade.

Estabeleçamos, quanto antes, o nosso programa comum de realizações possiveis, fazendo do conselho departamental um organismo vivo do ensino, evitando-lhe o aspecto burocratico, afim de que possamos levar-lhe as nossas ideas, duvidas, ou criticas, procurando dissecar, no calor dos debates, as atividades docentes, corrigindo-lhes os defeitos, procurando organizar uma frente coesa de trabalho, enfrentando com destemôr os que nos fazem a guerra porque sabem da nossa força.

E' imperioso que os departamentos cirurgicos compreendam as suas responsabilidades em conjunto, iniciando, quanto antes, a benefica sincronização das suas atividades, procurando realizar um programa concreto nos dominios da arte operatoria.

Tal programa poderá pleitear e abranger, de início, um certo numero de exigencias.

Em primeiro lugar está uma medida de carater geral, preocupação já existente no pensamento da direção desta Casa, representada pela reorganização da nossa Biblioteca central, collocando-a em condições de bem servir aos que estudam, trabalham e pesquisam.

Em seguida vem a necessidade do delineamento de um programa cirurgico realizavel e concreto para o aluno, procurando articular os conhecimentos referentes a ele, numa cadeia unica do 1.º ao 6.º ano, vizando um determinado numero de questões essenciaes á vida pratica.

Depois segue-se a obrigação de exigir-se dos que possuem responsabilidades diretas no ensino, isto é, dos assistentes e adjuntos, estagios nas cadeiras basicas, onde deverão cumprir tarefas assentadas pelo professor, de acordo com as necessidades do ensino da sua disciplina.

Por sua vez, os titulares deverão se reunir em sessões frequentes, ora de finalidades didaticas, ora de feitio anatomo-clinico, onde serão apreciados os principaes problemas do ensino, bem como os da clinica cirurgica, de maneira objetiva, documentada e eficiente.

Finalmente, a direção da Faculdade, já tão empenhada na solução de multiplos problemas, deverá incrementar os cursos de extensão universitaria, de aperfeiçoamento e de post-graduação.

Os dois primeiros se preocupando em facilitar aos cirurgiões os meios de revisão de determinados temas cirurgicos de caracter geral ou especializado.

O segundo, dando oportunidade ao medico recém-formado, de um estagio no Hospital das Clinicas por um periodo adequado ao seu desenvolvimento correto e eficiente na arte de operar.

Na parte referente ao ensino da Cirurgia de urgencia, deveremos continuar a pleitear, apoiados, ainda, na necessidade de ensinar, o retorno do Hospital Getulio Vargas para o âmbito da Faculdade, procurando realizar, assim, a grande aspiração que, na verdade, possibilitou a sua concretização.

Dentro destas normas iniciais, se cumpridas rigorosamente, poderemos ter esperanças de colher, em poucos anos, resultados animadores que permitam a ampliação das nossas atividades didaticas.

* * *

SNRS. PROFESSORES, colegas de congregação. Chego ao fim da tarefa que me foi imposta pela magnanimidade dos vossos corações.

Não sei se me foi possível cumpri-la de acordo com os vossos desejos e aspirações.

Investido no privilegio de pronunciar as palavras iniciais deste ano letivo, confiei na vossa tolerancia e me norteiei pelos exemplos de trabalho, de dedicação e de amor que sempre mantivestes por esta Casa.

As questões referidas refletem as aspirações que eu tenho sentido no vosso convívio acolhedor e fraternal.

Se procurei reaviva-las foi fiado no vosso precioso apoio e certo de que elas se farão realidade, por vosso intermedio, para maior nome e grandeza da nossa Faculdade.

Breve reiniciaremos o nosso labor de ensinar aos moços e, por isto, formulo aqui votos de felicidades, a todos vós, no desempenho desta missão.

Permiti, colegas meus, que eu também dirija, em vosso nome, as nossas congratulações ao Magnifico Reitor, prof. Edgard Santos, reafirmando-lhe a nossa crença na sua capacidade de trabalho em pról da grandeza da nossa Universidade e da nossa Escola.

Ao Prof. Magalhães Netto, recentemente investido na condução das nossas atividades, quero levar, também, a sinceridade do nosso apoio ao esforço construtor que ele empregará no curso das nossas vidas e atividades escolares.

M O C I D A D E

Eu vos saúdo neste momento festivo. Aqui chegastes conduzida pelo ideal de uma vocação. As vossas almas possuem energias que tornam o futuro radioso. Mas não deveis esquecer que a nossa arte de curar exige sacrificios e renuncias, pois todo aquele que sofre manda o seu gemido em busca da consolação, leva o seu olhar ás paragens da esperança.

LIÇÃO DE ABERTURA DÓS CURSOS

A piedade e a intelligencia ainda continuam sendo os attributos primordiais da profissão que escolhestes, profissão onde officiam todas as perfeições moraes capazes de plasmar, com as fraquezas humanas, a alma dos eleitos.

Para a plena realização do ideal na arte de curar guardae sempre no espirito que “a dedicação é a sua maxima insignia, a coragem, a sua inspiração melhor, a paciencia, a sua maior força, a discreção, o passo mais sagrado do ritual, o desinteresse, a grande recompensa do officio e o estudo, o baluarte da concien-
cia”.

Sêde benvindos a esta Casa mocidade feliz e cheia de vida.